

DESONRA
J.M.
COETZEE

1

Para um homem de sua idade, cinquenta e dois, divorciado, ele tinha, em sua opinião, resolvido muito bem o problema de sexo. Nas tardes de quinta-feira, vai de carro até Green Point. Pontualmente às duas da tarde, toca a campainha da portaria do edifício Windsor Mansions, diz seu nome e entra. Soraya está esperando na porta do 113. Ele vai direto até o quarto, que cheira bem e tem luz suave, e tira a roupa. Soraya surge do banheiro, despe o roupão, escorrega para a

cama ao lado dele. “Senti saudade de mim?”, ela pergunta. “Sinto saudade o tempo todo”, ele responde. Acaricia seu corpo marrom cor de mel, sem marcas de sol, deita-a, beijá-lhe os seios, fazem amor.

Soraya é alta e magra, de cabelo preto comprido e olhos escuros, brilhantes. Tecnicamente, ele tem idade para ser seu pai; só que, tecnicamente, dá para ser pai aos doze. Ele está na agenda dela faz mais de um ano; ele acha que ela é perfeitamente satisfatória. No deserto da semana, a quinta-feira passou a ser um oásis de *luxe et volupté*.

Na cama, Soraya não é efusiva. Seu temperamento, na verdade, é bastante sossegado, sossegado e dócil. Suas opiniões são surpreendentemente moralistas. Fica ofendida com as turistas que despem os seios (“tetas”, ela diz) nas praias públicas; acha que os vagabundos deviam ser recolhidos e postos para trabalhar, varrendo as ruas. Ele não pergunta como ela consegue coadunar essas opiniões com o tipo de trabalho que faz.

Como tem prazer com ela, um prazer invariável, começa a nascer nele uma afeição por ela. Até certo ponto, ele acredita, essa afeição é correspondida. Afeição pode não ser amor, mas é ao menos prima-irmã do amor. Diante do começo pouco promissor que tiveram, até que têm sorte, os dois: ele porque a encontrou, ela porque o encontrou.

Ele tem consciência de que seus sentimentos são complacentes, até matrimoniais. Mesmo assim não renuncia a eles.

Por uma sessão de uma hora e meia paga-lhe quatrocentos rands, dos quais metade vai para a Discreet Escorts. É uma pena a Discreet Escorts cobrar tanto. Mas são donos do 113 e de outros apartamentos no Windsor Mansions; de certa forma são donos de Soraya também, dessa parte dela, dessa função.

Ele anda brincando com a ideia que pedissem para se encontrar no tempo livre dela. Gostaria que passassem uma noite juntos, talvez até a noite toda. Mas não a manhã seguinte. Ele se conhece bem demais para sujeitá-la à manhã seguinte, quando estará frio, ranzinza, impaciente para ficar sozinho.

É assim seu temperamento. Seu temperamento não vai mudar, está velho demais para isso. Está fixo, estabelecido. O crânio, depois o temperamento: as duas partes mais duras do corpo.

Obedeça seu temperamento. Não é uma filosofia, ele não atribuiria tal dignidade a esse sentimento. É uma regra, como a regra de são Benedito.

Ele está com boa saúde, com a cabeça clara. Por profissão ele é, ou foi, um acadêmico, e a vida acadêmica ainda ocupa, intermitentemente, o seu íntimo. Gosta de viver dentro de seus rendimentos, dentro de seu temperamento, dentro de seus meios emocionais. É feliz? Em termos gerais, é, acha que sim. Porém, não se esquece da última fala do coro de *Édipo*: Nenhum homem é feliz até morrer.

No campo do sexo, seu temperamento, embora intenso, nunca foi passional. Se tivesse de escolher um animal totem, seria a cobra. A relação sexual entre Soraya e ele deve ser, imagina, como uma cópula de cobras: prolongada, absorvente, mas um tanto abstrata, seca, mesmo no ponto mais quente.

O totem de Soraya seria a cobra também? Com outros homens, sem dúvida, ela é outra mulher: *la donna è mobile*. Porém, em termos de temperamento, sua afinidade com ele não pode de jeito nenhum ser fingida.

Embora seja uma libertina por profissão, ele confia nela, dentro de certos limites. Durante as sessões, ele fala com

certa liberdade, às vezes até desabafa. Ela conhece os fatos da vida dele. Ouviu a história de seus dois casamentos, sabe de sua filha e dos altos e baixos da vida dela. Conhece muitas de suas opiniões.

Soraya nada revela de sua vida fora de Windsor Mansions. Soraya não é seu nome verdadeiro, com toda a certeza. Há indícios que deu à luz um filho, ou filhos. Pode até ser que ela não seja profissional coisa nenhuma. Talvez trabalhe para a agência só uma ou duas tardes por semana, e no resto do tempo viva uma vida respeitável nos subúrbios, em Rylands ou Athlone. Seria um pouco estranho para uma muçulmana, mas hoje em dia tudo é possível.

Sobre o próprio trabalho ele fala pouco, não quer aborrecê-la. Ganha a vida na Universidade Técnica do Cabo, antiga Faculdade da Universidade da Cidade do Cabo. Outrora professor de línguas modernas, ele passou a professor-adjunto de comunicações quando o Departamento de Línguas Clássicas e Modernas foi fechado como parte da grande reengenharia. Como todos os professores afetados pela racionalização, ele pode propor um curso especial por ano, independente do currículo, porque isso faz bem para o ânimo. Este ano, ele montou um curso sobre os poetas românticos. No mais, dá aulas em Comunicações 101, “Capacitação em Comunicações”, e Comunicações 201, “Capacitação em Comunicações — Avançado”.

Embora dedique diariamente horas e horas à nova disciplina, acha ridícula a primeira premissa constante da ementa de Comunicações 101: “A sociedade humana criou a linguagem para podermos comunicar nossos pensamentos, sentimentos e intenções”. Sua opinião, que ele não ventila, é que a origem da fala está no canto, e as origens do canto na necessidade de preencher com som o vazio grande demais da alma humana.

Ao longo de uma carreira de um quarto de século, ele publicou três livros, nenhum dos quais provocou qualquer comoção, nem mesmo um abalo: o primeiro sobre ópera (*Boito e a lenda do Fausto: A gênese de Mefistófeles*), o segundo sobre a visão enquanto eros (*A visão de Ricardo de São Vítor*), o terceiro sobre Wordsworth e a história (*Wordsworth e o peso do passado*).

Nos últimos anos, tem brincado com a ideia de um trabalho sobre Byron. De início, pensou que seria um novo livro, outra obra crítica. Mas todas as tentativas de escrever atolaram no tédio. A verdade é que está cansado da crítica, cansado do discurso medido a metro. O que quer escrever é música: *Byron na Itália*, uma meditação sobre o amor entre os sexos na forma de uma ópera de câmara.

Enquanto enfrenta as aulas de comunicações, frases, melodias, fragmentos de canções da obra ainda não escrita flutuam por sua cabeça. Nunca foi um grande professor; nessa instituição de ensino transformada e, em sua opinião, emasculada, ele está mais deslocado do que nunca. Mas seus colegas de antigamente também estão na mesma, curvados pela formação inadequada para as tarefas que se meteram a cumprir; sacerdotes em uma era pós-religiosa.

Como não tem respeito pela matéria que ensina, não causa nenhuma impressão nos alunos. Não o olham quando ele fala, esquecem seu nome. Essa indiferença lhe dói mais do que admite. Mas cumpre ao pé da letra as obrigações com os alunos, com os pais deles, com o Estado. Mês após mês ele passa, recolhe, lê e anota seus trabalhos, corrigindo lapsos de pontuação, ortografia e concordância, questionando argumentações fracas, anexando a cada trabalho uma crítica breve e ponderada.

Ele continua ensinando porque é assim que ganha a vida; e também porque aprende a ser humilde, faz com que perceba o seu papel no mundo. A ironia não lhe escapa: aquele que vai ensinar acaba aprendendo a melhor lição, enquanto os que vão aprender não aprendem nada. É um aspecto de sua profissão que não comenta com Soraya. Ele duvida que exista uma ironia semelhante na vida dela.

Na cozinha do apartamento em Green Point há uma chaleira, xícaras de plástico, um bule de café instantâneo, uma tigelinha com sachês de açúcar. A geladeira tem um suprimento de garrafas de água. No banheiro, há sabonete e uma pilha de toalhas; no armário, lençóis limpos. Soraya guarda a maquiagem em uma bolsinha de viagem. Um local de encontros, nada mais; funcional, limpo, bem organizado.

A primeira vez que Soraya o recebeu, estava com batom vermelho e muita sombra nos olhos. Como não gostava de maquiagem pegajosa, pediu que tirasse tudo. Ela obedeceu, e nunca mais usou. Uma aluna rápida, amável, maleável.

Ele gosta de lhe dar presentes. No ano-novo deu-lhe uma pulseira esmaltada, na data muçulmana do Eid, uma cegonha de malaquita que lhe chamou a atenção em um bazar. Gosta de vê-la contente, no que é bastante sincero.

Surpreende-lhe que noventa minutos por semana em companhia de uma mulher sejam suficientes para fazê-lo feliz, ele que achava que precisava de uma esposa, de um lar, de um casamento. Suas necessidades acabaram se revelando bem leves, afinal, leves e fugazes, como as de uma borboleta. Sem emoção, ou apenas quem sabe com algo mais profundo, mais inesperado: um surdo contentamento bási-

co, como o murmúrio do tráfego que embala o sono do morador da cidade, ou o silêncio da noite para os camponeses.

Ele pensa em Emma Bovary, voltando para casa saciada, de olhos vidrados, depois de uma tarde fodendo sem parar. *Então isto é a plenitude!*, Emma diz, deslumbrada consigo mesma no espelho. *Então esta é a plenitude de que falam os poetas!* Bem, se a pobre e fantasmagórica Emma aparecesse algum dia na Cidade do Cabo, ele a levaria consigo uma quinta-feira de tarde para lhe mostrar como a plenitude pode ser: uma plenitude moderada, uma plenitude moderada.

Então, em um domingo de manhã, tudo muda. Ele está na cidade, a negócios; andando por St. George's Street, seus olhos pousam numa figura esguia à sua frente na multidão. É Soraya, inconfundível, com uma criança de cada lado, dois meninos. Estão carregando pacotes; foram às compras.

Ele hesita, depois a segue à distância. Os três desaparecem na Captain Dorego's Fish Inn. Os meninos têm o mesmo cabelo lustroso de Soraya e seus olhos escuros. Só podem ser seus filhos.

Ele segue em frente, volta, passa diante da Captain Dorego's uma segunda vez. Os três ocupam uma mesa perto da janela. Por um instante, através do vidro, os olhos de Soraya encontram os dele.

Ele sempre foi um homem da cidade, à vontade no meio de um fluxo de corpos em que eros espregueia e olhares voam como flechas. Mas imediatamente ele lamenta o olhar trocado com Soraya.

No encontro da quinta-feira seguinte, nenhum dos dois menciona o incidente. Mesmo assim, a lembrança paira sobre eles, incômoda. Ele não quer perturbar aquilo que para

Soraya deve ser uma precária vida dupla. Ele é plenamente a favor de vidas duplas, vidas triplas, vidas vividas em compartimentos. Na verdade, se algo mudou, é a ternura maior que sente por ela. *Seu segredo está seguro comigo*, gostaria de lhe dizer.

Mas nem ele nem ela conseguem pôr de lado o que aconteceu. Os dois meninos estão entre eles, brincando tranquilos num canto da sala enquanto a mãe e o estranho se acasalam. Nos braços de Soraya, ele se transforma, momentaneamente, no pai deles: pai adotivo, padrasto, pai-sombra. Ao deixar a cama dela depois, sente os olhos deles a examiná-lo disfarçadamente, curiosos.

Seus pensamentos estão, à sua revelia, no outro pai, no de verdade. Será que ele tem alguma ideia das atividades da mulher, ou escolheu a conformidade da ignorância?

Ele não tem filhos homens. Passou a infância em uma família de mulheres. À medida que mãe, tias, irmãs se foram, ele as foi substituindo por amantes, esposas, uma filha. A companhia de mulheres fez dele um apreciador de mulheres e, até certo ponto, um mulherengo. Sua altura, o corpo bom, a pele cor de oliva, o cabelo esvoaçante sempre garantiam-lhe certo grau de magnetismo. Se olhava para uma mulher de um certo jeito, com certa intenção, ela retribuía o olhar, disso tinha certeza. Era assim que vivia; durante anos, décadas, essa foi a base de sua vida.

Um belo dia, tudo isso acabou. Sem aviso prévio, ele perdeu os poderes. Olhares que um dia correspondiam ao seu deslizavam como se passassem através dele. Da noite para o dia, virou um fantasma. Se queria uma mulher, tinha de aprender a conquistá-la; muitas vezes, de uma forma ou outra, tinha de comprá-la.

Ele existia numa promiscuidade ansiosa e agitada. Tinha casos com as esposas de colegas; pegava turistas nos bares da praia ou no Club Italia; dormia com putas.

Foi apresentado a Soraya numa saleta escura ao lado do escritório da Discreet Escorts, com venezianas nas janelas, vasos de plantas nos cantos, ranço de fumaça no ar. No catálogo, ela estava na seção “Exóticas”. A fotografia mostrava uma flor de maracujá vermelha nos cabelos e um traço fino no canto dos olhos. A legenda dizia “Só à tarde”. Foi isso que o atraiu: a promessa de janelas fechadas, lençóis frescos, horas roubadas.

Desde o começo foi satisfatório, exatamente o que queria. Um tiro na mosca. Em um ano inteiro, não precisou voltar à agência.

Então o incidente em St. George’s Street e o estranhamento que se seguiu. Embora Soraya mantenha os compromissos, ele sente uma crescente frieza à medida que ela se transforma em só mais uma mulher e ele em só mais um cliente.

Ele tem uma boa ideia de como as prostitutas conversam entre si sobre os homens que as frequentam, principalmente os mais velhos. Contam histórias, riem, mas se arrepiam também, como alguém se arrepia com uma barata dentro da pia no meio da noite. Logo, elegantemente, maliciosamente, ele será alvo desses arrepios. É um destino a que não pode escapar.

Quatro quintas-feiras depois do incidente, quando ele está saindo do apartamento, Soraya faz o comunicado que ele vem tentando ignorar. “Minha mãe está doente. Vou tirar uma folga para cuidar dela. Não vou estar aqui a semana que vem.”

“Vamos nos ver na outra semana?”

“Não tenho certeza. Depende dela melhorar. Melhor você telefonar primeiro.”

“Não tenho o número.”

“Ligue para a agência. Eles vão saber.”

Ele espera uns dias, e telefona para a agência. Soraya? Soraya não trabalha mais conosco. Não, não podemos colocar o senhor em contato com ela, é contra as nossas regras. Gostaria de ser apresentado a outra de nossas contratadas? Temos muitas exóticas a escolher — malaias, tailandesas, chinesas, o que quiser.

Ele passa a noite com outra Soraya — parece que Soraya passou a ser um *nom de commerce* muito popular — em um quarto de hotel na Long Street. Essa não tem mais de dezoito anos, sem prática, e, na sua opinião, rústica. “E aí? O que você faz?”, ela pergunta, tirando a roupa. “Exportação-importação”, ele responde. “Não diga”, ela diz.

Há uma secretária nova em seu departamento. Ele a leva para almoçar em um restaurante situado a uma distância discreta do campus e a escuta enquanto, comendo salada de camarão, ela reclama da escola dos filhos. Tem traficantes de drogas nos parquinhos, ela diz, e a polícia não faz nada. Nos últimos três anos, ela e o marido deixaram os nomes em uma lista do consulado da Nova Zelândia, para emigrar. “Para vocês era mais fácil. Quer dizer, apesar dos prós e contras da situação vocês pelo menos sabiam onde estavam pisando.”

“Vocês?”, ele pergunta. “Vocês quem?”

“A sua geração. Agora as pessoas simplesmente escolhem as leis que querem obedecer. Virou anarquia. Como dá para criar filhos com anarquia por todos os lados?”

Seu nome é Dawn. A segunda vez que sai com ela, param na casa dele e transam. É um erro. Ela se retorce, dá-lhe unhas e borbulha de excitação, mas no fim simplesmente o repele. Ele lhe empresta um pente, leva-a de volta para o campus.

Depois disso passa a evitá-la, cuidando de contornar o escritório onde trabalha. Em troca, ela lança olhares magoados, depois o esnoba.

Ele devia desistir, sair de cena. Com que idade, imagina, Origen se castrou? Solução nada graciosa, mas envelhecer não é mesmo uma coisa das mais graciosas. Uma limpeza geral para poder ao menos pôr-se a pensar no que um velho tem de pensar mesmo: preparar-se para a morte.

É possível procurar um médico e pedir isso? Intervenção simples, sem dúvida: fazem com animais todo dia, e os animais sobrevivem bem, se não se levar em conta uma certa tristeza que fica. Cortar fora, amarrar: com anestesia local, mão firme e um mínimo de fleuma talvez desse até para fazer sozinho, seguindo algum livro. Um homem numa cadeira cortando o próprio: uma imagem feia, mas não mais feia, sob certo ponto de vista, que o mesmo homem resfolegando em cima do corpo de uma mulher.

E ainda há Soraya. Ele devia encerrar esse capítulo. Em vez disso, contrata uma agência de detetives para localizá-la. Dias depois, sabe o nome verdadeiro dela, o endereço, o número de telefone. Liga às nove da manhã, quando o marido e as crianças devem estar fora. “Soraya?”, diz ele. “Aqui é o David. Como vai? Quando vamos nos ver outra vez?”

Um longo silêncio antes de ela responder. “Não sei quem é você”, ela diz. “Você está me assediando na minha própria casa. Por favor, nunca mais me telefone aqui, nunca.”

Ela *pede*. Ela quer *é exigir*. A irritação dela o surpreende: nunca houve nenhum sinal disso antes. Porém o que pode esperar o predador quando se mete na toca da raposa, na toca onde ela guarda os filhotes?

Ele desliga o telefone. Sente passar uma sombra de inveja do marido que nunca viu.